

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boletim de Estudos Clássicos
57 (Junho 2012)
pp. 137-149

NOVIDADES BIBLIOGRÁFICAS (HISTÓRIA ANTIGA E ARQUEOLOGIA)

LVCENTVM, XXIX, 2010

Anales de la Universidad de Alicante – Prehistoria, Arqueología e Historia Antigua. 230 páginas. ISSN: 0213-2338.

12 artigos: metodologia para a prospecção geofísica em Arqueologia; duas malgas de bronze aqueménidas; testemunhos da produção das oficinas metalúrgicas de La Fonteta; as *regiae* ibéricas; a calçada ibérica de «Los Malos Pasicos»; necrópole ibérica de la Bibadilla; a cultura da água em época ibérica; mausoléu em forma de altar em *Segobriga*; uma singular malga de vidro tardo-romana; achados monetários em Calpe; o mito da essência céltica; estranhas estruturas de combustão na área da Sierra de Fontcalent – são os temas tratados e que podem ser consultados na versão digital: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/1110>, página onde, aliás, estão disponíveis todos os números da revista.

Segobriga V – Inscripciones Romanas 1986-2010

Autores: Juan Manuel Abascal, Géza Alföldy e Rosário Cebrián. Edição da Real Academia de la Historia, 2011. ISBN: 978-84-15069-32-4. 420 páginas.

Apresenta-se a ficha sucinta mas completa (com fotografia) de 436 epígrafes e de 146 fragmentos anepígrafos (identificados em numeração romana). Seguindo, em cada ‘capítulo’, a ordem habitual em *corpora*, as inscrições estão arrumadas pelo local de achado na cidade: foro e basílica; vivendas situadas a leste da basílica do foro; complexo monumental entre o foro e o teatro; teatro; termas monumentais flávias e aula; vivenda tardo-romana a oeste do foro; necrópole sob o circo; necrópole tardo-romana; basílica visigoda; outras zonas e achados dispersos.

O apêndice (p. 355-392), da autoria de Géza Alföldy, dá conta de treze novos senadores segobrigenses, apresenta uma reconstituição da grande inscrição monumental do teatro, de que se identificaram fragmentos, e relaciona tudo isso com a aristocracia senatorial da cidade.

Termina o precioso volume com os circunstanciados índices epigráficos, o índice do apêndice (dada a quantidade de informação aí contida) e o índice topográfico das inscrições (nº de inventário da epígrafe no museu ou sua localização em unidade estratigráfica ou área de achamento). As referências bibliográficas antecedem o *corpus*, pois que são citadas abreviadamente.

Phoînix 16 (2010)

Prossegue o Laboratório de História Antiga (Universidade Federal do Rio de Janeiro) o seu labor em prol dos estudos da Antiguidade Clássica, assumindo-se, na verdade, como o grande motor e mentor dessa investigação em Terras de Vera Cruz, cientes os seus realizadores de que é justamente a essa Antiguidade que podem ir beber-se ensinamentos para agora.

No 1º número desse volume de *Phoînix*, a sua revista (ISSN 1413-5787): a viagem, o estranho e o maravilhoso entre os antigos egípcios; a guerra de Tróia pintada em vasos áticos; atletas, os heróis; senadores *versus* augustais, em Roma; Roma incendiada, moeda desvalorizada; onde estavam os druidas gauleses; a reforma empreendida pelo bispo João Crisóstomo; como se escrevia contra os Judeus do século IV ao VII.

Os temas que preenchem o nº 2: «a assembleia de Telêmaco como espaço de experiências»; a discutível noção de *Kosmos*; Heródoto e o Oriente; os medos e os monstros que vêm do mar; religião e magia, factores de unidade ou de diversidade entre os Gregos; os jogos amorosos retratados em mosaicos romanos; «a palavra trágica e suas múltiplas faces».

Uma panóplia de reflexões – a justificarem, pois, a afirmação inicial: serve a História para a actualidade.

Em defesa do património cultural de Rosia Montana

The Cultural Heritage at Rosia Montana – Current Situation and Real Perspectives é uma publicação do Independent Group for Monitoring the Cultural Heritage at Rosia Montana (GIMPCRM), datada de 2011, que vem pôr o dedo numa ferida e propor a movimentação de todos em prol de um património arqueológico único.

Rosia Montana é uma comuna do condado de Alba, situado a oeste da Transilvânia, na Roménia. Os seus ricos recursos mineiros foram explorados desde os finais da Idade de Ferro, mas sobretudo durante a época romana, tendo prosseguido até aos últimos meses de 2006, altura em que, antes de a Roménia aderir à União Europeia, se promoveu o encerramento da

exploração aurífera, considerando que estavam em risco importantes vestígios arqueológicos. Contudo, outra empresa se candidatou à exploração (agora, de cianeto) e a campanha contra essa mineração, que envolveu entidades internacionais, como a *Greenpeace* e a própria Academia Romena, constituiu uma das maiores dos últimos 20 anos na Roménia, até porque também estava em causa a ameaça de poluição pelo cianeto e porque o governo romeno acabara por anunciar, em 2009, que considerava esse projecto mineiro uma das suas prioridades.

Este volume, de 275 páginas ilustradas, dá, pois, conta de todas as diligências que o GIMPCRM tem vindo a desenvolver para proteger esse excepcional legado patrimonial, que abarca não apenas a investigação dos vestígios arqueológicos (as extraordinárias galerias romanas, por exemplo) como também a sua inserção num plano mais vasto de valorização dos patrimónios envolventes, nomeadamente paisagístico e arquitectónico.

A título de informação complementar, poderá acrescentar-se que uma consulta sobre «Rosia Montana», na *wikipedia*, pode desde já dar uma ideia dos planos que estão a ser desenvolvidos.

Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio, de Walter de Medeiros

Terá sido esta, porventura, a grande última homenagem a um grande cultor das letras clássicas, que no-las soube transmitir em textos prenhes de uma beleza singular: o Professor Walter de Medeiros, do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra. Um enorme abraço, caríssimo Amigo! Bem haja por tudo quanto nos soube transmitir, em simplicidade extrema e perene disponibilidade!

Este livro de «memórias e palavras», editado por José Ribeiro Ferreira (Coimbra, 2011, ISBN: 978-989-96078-6-6), sob o patrocínio da Associação de Estudos Clássicos, e que poderá vir a estar disponível também em www.fluirperene.com, reúne 33 breves mas saborosos textos que, de 1986 a 2000, Walter de Medeiros publicou no *Boletim de Estudos Clássicos*, veículo divulgador dos temas da Antiguidade Clássica entre estudantes e estudiosos. Serão «despretensiosas notícias e estudos breves», como os caracteriza o editor, que acrescenta, porém, que os distinguem «grande delicadeza, agudo cuidado, sentida sensibilidade», frase que é seguida da apreciação feita pelo próprio Autor: «algumas das páginas melhores que andei a semear por este pequeno mundo, com ironia poucas vezes, com melancolia as mais delas».

«Presença do passado» e «A cruz do tradutor» são os títulos sob que esses deliciosos escritos foram sendo apresentados ao longo dos semestres e nessas duas partes o livro se divide.

«Hora de morte-cor, quando se extingue no azul dormente a pulsação da última cravina», se lê logo de início, no texto que significativamente deu título ao livro (p. 7). E também este livrinho significa que pode haver essa hora de se extinguirem pulsações, mas... os testemunhos permanecem!

Uma História da Arqueologia Portuguesa

Depois de, em artigos e na leccionação, ter abordado o tema, Carlos Fabião aceitou o desafio da Secção de Filatelia dos CTT e elaborou este magnífico volume, destinado a acompanhar, como é de uso em edições dessa secção, a série filatélica de seis selos temáticos que pôs em circulação.

«Desde as origens à descoberta da arte do Côa», aponta o Autor, em pinceladas largas mas seguras, os momentos, os monumentos e os arqueólogos mais significativos. Modestamente, optou por chamar-lhe «uma história», pois que outras poderão existir e se compreende bem a dificuldade real em resumir em menos de 200 páginas, que se queriam profusamente ilustradas e para o grande público, as peripécias por que foi passando entre nós uma ciência que, embora assumindo o seu carácter já na segunda metade do século XIX, teve cultores de monta desde o tempo dos Humanistas, pelo menos.

«Os tempos da *Sagrada Lei Escrita* e dos nossos antepassados romanos»; «A Antiguidade como argumento de legitimação política: a *Real Academia da História Portuguesa*», «A grande revolução: o *Evolucionismo* e a antiguidade da Terra, das formas de vida e do Homem», «A antiguidade das nações», «O século XX» – são os significativos títulos que o autor escolheu para esta caminhada, que culmina na apresentação de «um roteiro da Arqueologia Portuguesa», antecedido de elucidativo mapa (p. 184) e contendo informação sobre os museus históricos da Arqueologia Portuguesa ou os outros que detêm no seu acervo significativo espólio arqueológico (ao todo, 28), não se hesitando em mencionar dez outros locais que se destacam «pelo seu particular interesse».

Uma viagem deveras interessante, em que se mostra como mesmo uma ciência que se quer exacta como a Arqueologia nunca está – por mais que se queira – desgarrada do contexto social e político em que se pratica. Em todo o caso, como o Autor salienta, a terminar, «ao serviço de um desenvolvimento sustentável, o património arqueológico ocupa um espaço

cada vez mais importante no quotidiano das populações» (p. 182). Estamos de acordo! E oxalá os órgãos de tutela estejam também!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CEM ANOS DE ESCAVAÇÕES EM MÉRIDA

Foi aprovado a 10 de Setembro de 1910 o projecto de realizar escavações em Mérida, ainda com a ideia de encontrar na cidade algo de comparável a Pompeios...

Em boa hora, porém, se lançou mãos ao empreendimento e, hoje, *Augusta Emerita*, a capital da Lusitânia romana, surge a quem a visita como uma Roma em ponto pequeno, onde tudo se encontra do que, na capital do Império, faz as delícias de quem se interessa por História e por Arqueologia.

Nessa história centenária, o Museo Nacional de Arte Romano desempenhou sempre um papel do maior relevo e, por isso, justo era que ali se realizasse uma exposição evocativa de um percurso ímpar e exemplar.

Tenho presente o livro que não é o catálogo da exposição mas que muito bem a acompanha: *Mérida 2000 Años de Historia 100 Anos de Arqueología*, que tem como coordenadores científicos José María Álvarez Martínez (director do MNAR) e Pedro Mateos Cruz e conta, como autores dos diferentes capítulos, alguns dos investigadores que mais têm dado de si à história emeritense. Foi editado, este ano de 2010, pelo Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida (ISBN: 978-84-614-2918-9).

Os coordenadores científicos traçam aí uma panorâmica do que foram estes cem anos de trabalhos arqueológicos e há, depois, uma série de artigos que versam as diferentes fases desse labor: os antecedentes (de Nebrija a 1910); a época das grandes escavações (1910-1936); o período desde o pós-guerra até à abertura (1939-1963); a «nova e frutífera etapa» de 1963 a 1986; e, finalmente, de após 1984 até agora, em que «as competências autonómicas» desempenharam um papel fundamental. Há tempo ainda para se analisarem os aspectos museográficos de apresentação da cidade romana e dos seus monumentos, assim como a singularidade do seu museu nacional e dos muitos desafios que ele tem a enfrentar. Uma 'bibliografia selectiva'

encerra o panorama, sempre acompanhado de mui elucidativas ilustrações, que contribuem para tornar o volume ainda mais aliciante.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CHANGING LANDSCAPES

Como foi noticiado, realizou-se, na manhã do passado dia 4 de Dezembro, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, a apresentação do livro *Changing Landscapes – The impact of Roman towns in the Western Mediterranean*, uma iniciativa do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora, que teve como coordenadores editoriais os professores Cristina Corsi e Frank Vermeulen, da equipa que, na actualidade, superintende aos trabalhos arqueológicos em curso na cidade romana de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão).

Procurei tecer algumas considerações acerca da oportunidade da orientação metodológica que, no domínio da Arqueologia, se está a seguir para bem enquadrar os vestígios encontrados no horizonte espacial, no território em que eles se inserem; e para se compreender porque é que a dinâmica cidade – campo assume cada vez maior importância neste dealbar do século XXI, nomeadamente se atendermos a que ganham vulto projectos de hortas urbanas, na tentativa de se quebrar uma indesejável dicotomia entre a cidade e o campo, quer no que respeita às actividades económicas quer até – e dir-se-ia, sobretudo – no que concerne às mentalidades, uma vez que as acessibilidades e os meios de Comunicação Social tendem a minimizar diferenças que foram maiores em épocas anteriores.

E até nos poderemos interrogar se o panorama que vemos no *ager* das cidades romanas, polvilhado de *villae* que eram residência das elites locais, a exercer funções e actividades em meio urbano, se não enquadra, afinal, numa dicotomia artificial, já então inexistente. E se as hodiernas noções de tempo e de espaço e do maior ou menor uso de solos mais ou menos férteis (de classe A, B ou C) poderão, sem mais, ser aplicáveis a um mundo que de nós dista mais de dois atribulados milénios.

O livro dá conta, pois, das intervenções feitas por especialistas de países do Ocidente Mediterrânico, que em Castelo de Vide e Marvão se

havam reunido, de 15 a 17 de Maio de 2008, com o objectivo de partilharem pontos de vista acerca do que, nos respectivos territórios, se havia passado em época romana: que impacto teve na paisagem e nas gentes a implantação de um aglomerado urbano, criado de raiz ou simplesmente adequando-se a uma ocupação humana preexistente.

Vasco Mantas – que, em determinado período, também superintendeu aos trabalhos arqueológicos em *Ammaia* – salientou, pois, a actualidade do debate e demorou-se na análise atenta de cada um dos textos insertos no volume, destacando o que de mais original se podia retirar de cada um.

A obra, de mui excelente apresentação gráfica e ilustrada, foi editada em Bolonha, pela cooperativa Ante Quem (ISBN: 978-88-7849-055-0); tem 396 páginas em formato A4 e está datada de 2010. Juntam-se, em anexo a esta nota, as duas páginas do índice, que permitem ajuizar melhor do interesse do volume.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

GREEK VASES IN PORTUGAL,
DE M. HELENA DA ROCHA PEREIRA

Acaba de ser reeditada, com as devidas actualizações, uma obra já clássica da Professora Maria Helena da Rocha Pereira: *Greek Vases in Portugal*. É iniciativa do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; ISBN: 978-989-8281-24-1; 165 páginas + 68 de estampas a cores.

Em relação à 1ª edição, datada de 1962, são acrescentados novos exemplares entretanto dados a conhecer, nomeadamente os que figuraram na exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia em 2007. Estudam-se pormenorizadamente 50 exemplares; apresenta-se bibliografia actualizada; índices de autores antigos e modernos e dos grupos de pintores; acrescenta-se um novo suplemento (p. 157-165).

Uma obra indispensável, portanto, para quem deseje estudar este tipo de cerâmica, que alia à beleza formal relevante documentação sobre mitos e cenas da vida quotidiana.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

MILITARES ASTURES EN EL EJÉRCITO ROMANO

Subordinado ao título em epígrafe, está em distribuição este livro, da autoria de Narciso Santos Yanguas, monografia 13 da editora Signifer Libros, Madrid 2010, 236 páginas ilustradas, ISSN: 1578-1518.

Depois de historiar a conquista romana do território dos Ástures (cap. I) e as características do exército romano de ocupação no Norte peninsular (rol das unidades militares documentadas, por exemplo), o autor dá conta do que se conhece acerca da identidade dos oficiais ástures nas legiões romanas; dos legionários ástures sem graduação; dos oficiais ástures registados ao serviço das tropas auxiliares; dos soldados auxiliares sem graduação; dos que se alistaram nas coortes pretorianas; e dedica o cap. VIII ao estudo, controverso como se sabe, dos «*symmachiarios astures*». Apêndices no final de cada capítulo permitem uma identificação rápida dos militares assinalados.

Interessante o capítulo das conclusões (p. 180-188), em que se acentua o facto de, a princípio forçado, depressa o recrutamento se tornou voluntário, sublinhando-se a ideia de, para além de o exército ter sido, também aí, importante fator de romanização, os proventos económicos individuais e colectivos desse alistamento nas fileiras serem de ter em consideração.

Uma cronologia, bibliografia exaustiva e 32 ilustrações (mormente de epígrafes) completam o volume.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

NOVOS LIVROS DA SÉRIE *STVDIA LVSITANA*

Foram apresentados, no passado dia 29, no Museu Nacional de Arte Romano, de Mérida, os números 4 e 5 da série *Studia Lusitana*.

Os fora

Constitui o nº 4 [ISBN: 978-84-613-4193-1; edição da responsabilidade de T. Nogales Basarrate] as actas do encontro internacional que naquele museu se realizara, em Dezembro de 2007, subordinado ao tema *Cidade e Foro na Lusitânia Romana*. Houve oportunidade, então, de passar em revista boa parte dos *fora* lusitanos, fazendo-se o ponto da situação acerca

do que sobre eles então se conhecia; e as 359 páginas deste volume disso dão sobeja conta, depois de Santiago López Moreda ter dissertado sobre as «Laudes Urbium Lusitaniae» ao longo dos tempos (p. 11-26):

- de *Ebora Liberalitas Iulia* falou Theodor Hauschild (p. 27-36), tendo Luís Jorge Gonçalves informado do programa iconográfico do foro (p. 37-45);

- Maria Helena Simões Frade actualizou os conhecimentos sobre os *fora* de Bobadela e da *civitas Cobelcorum* (p. 47-67);

- a equipa que está a trabalhar no *forum* de *Aeminium* (actual Coimbra), chefiada por Pedro C. Carvalho, deu a conhecer as novidades aí encontradas (p. 69-88);

- Virgílio Hipólito Correia, o *forum* de *Conimbriga* (p. 89-105);

- João Pedro Bernardes, os espaços públicos de *Collippo* (p. 107-119);

- José d'Encarnação salientou o lugar das inscrições nos foros do Ocidente lusitano-romano, tendo identificado, pela primeira vez, a existência de uma estátua equestre no *forum* de *Pax Iulia* [IRCP 239](p. 121-126);

- Enrique Cerrillo, o foro de *Capara* (p. 127-136); e também provou que igualmente na *colonia Norbensis Caesarina* se poderá situar um *forum* (p. 137-165), mormente tendo em conta os achados escultóricos;

- Vasco Mantas sintetizou o que sabe acerca dos foros de *Ammaia* e da *civitas Igaeditanorum* (p. 167-188);

- Maria da Conceição Lopes: o *forum* de *Pax Iulia*, onde tem efectuado escavações (p. 189-199);

- Maria Filomena Barata caracterizou *Mirobriga* (p. 201-229);

- Trinidad Nogales e José María Álvarez trataram dos foros de *Augusta Emerita* na óptica de modelos (p. 231-259);

- cinco investigadores de Mérida lançaram luz sobre o urbanismo emeritense relacionável com o culto imperial e o foro (p. 261-271);

- Nicelo Röring e Walter Trillmich partem do achado do pedestal de uma estátua de Agripina para salientarem os aspectos de propaganda política que está subjacente a esta iniciativa (p. 273-283);

- a presença da água nos *fora* constituiu o tema versado por Maria Pilar Reis (p. 285-314);

- Os *fora* do Norte da Lusitânia foi, por seu turno, o assunto escolhido por João L. Inês Vaz (p. 315-324), tendo Salette da Ponte retomado a problemática do *forum* de *Seilium* (Tomar) (p. 325-332);

- não isenta de polémica é a interpretação dada por Amílcar Guerra (p. 333-342) aos vestígios arquitectónicos identificados em *Centum Celas* (Belmonte), onde considera se deverá localizar *Lancia Oppidana*;

Coube a Carlos Fabião - ora também escolhido para fazer a apresentação - traçar o balanço e as perspectivas da investigação sobre o tema dos «modelos forenses nas cidades da *Lusitania*» (p. 343-359).

O castelo da Lousa

Tido pelos seus anteriores investigadores como fortaleza relacionável com as guerras republicanas, este ‘castelo’, sito perto da Aldeia da Luz - que, tal como ele, ficou submergida pelas águas da barragem do Alqueva -, foi, por esse motivo, alvo de mui circunstanciada campanha arqueológica orientada por Jorge de Alarcão, Pedro C. Carvalho e Ana Gonçalves, que também são os coordenadores do volume *Castelo da Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*, o nº 5 da citada série [ISBN: 978-84-613-6385-8; 628 páginas].

Trata-se, seguramente, da intervenção de maior envergadura feita no quadro do que foi solicitado à EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva, empresa que superintendeu às actividades preparatórias da construção da barragem; e o livro resulta da colaboração de especialistas nos variados domínios da arqueologia romana, como a seguir se verá pela simples enumeração dos temas aqui abordados, constituindo, doravante, uma obra de referência há muito aguardada. Acrescente-se que, sendo resultante de um trabalho em equipa, mostra também a importância da publicação atempada e pormenorizada dos resultados dos trabalhos que são feitos no quadro de grandes obras públicas - como é o caso do Alqueva -, na demonstração cabal de que, ao contrário do que amiúde se pensa, investigação e arqueologia preventiva ou de emergência não são processos incompatíveis.

Jorge de Alarcão, que disse breves palavras em jeito de apresentação do volume, afirmou ser opinião da equipa estarmos perante não uma fortificação de índole militar mas sim de uma *villa* fortificada, com o seu máximo esplendor pelos anos 60/50 antes de Cristo, hipótese de trabalho a requerer validação e a tornar, por isso, ainda mais premente a publicação dos resultados de outras intervenções parcelares feitas em sítios derredor do ‘castelo’; por outro lado, dado estarmos perante solos maioritariamente de fraca aptidão agrícola, a actividade comercial predominaria ali e o

circunstanciado estudo da cerâmica comum levado a efeito poderá ser, nesse âmbito, de relevante termo de comparação.

Os três directores dos trabalhos assinam, naturalmente, a apresentação e os capítulos que abordam: a localização; o enquadramento, os objectivos e a metodologia; a história das escavações e da interpretação do monumento; a arquitectura do castelo; a estratigrafia, estruturas e materiais. Coube a Luís Luís o estudo da cerâmica campaniense; Pedro C. Carvalho e Rui Morais encarregaram-se da *terra sigillata* de tipo itálico; a Rui Morais encomendou-se também a tarefa de analisar a cerâmica de paredes finas, as lucernas e as ânforas; a cerâmica comum (um dos capítulos mais vastos!) foi entregue a Inês Vaz Pinto e Anne Schmitt; José d'Encarnação estudou os grafitos, Pedro C. Carvalho os vidros, José Ruivo o espólio metálico, Paulo Marques os materiais líticos; a Geoarqueologia coube a Diego E. Angelucci; a Arqueozoologia a Priscilla Lange. A. L. Santos, P. Tavares e A. Gonçalves tiveram a seu cargo a escavação e o estudo antropológico dos indivíduos exumados.

Completam o volume a bibliografia geral e o resumo. Num CD-ROM encontrar-se-ão os seguintes anexos: I - Desenhos 1 a 32; II - Figuras I a X (referentes ao capítulo 7.6); III - Tabelas de listagem de Complexos e Unidades Estratigráficas.

Uma obra, enfim, que honra toda uma vasta equipa a que tive o privilégio de pertencer!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO